

Os ‘Afetos’ nas Imagens do Fotójornalismo Contemporâneo no Contexto dos Movimentos Sociais no Brasil: Um Estudo da História do Tempo Presente sobre os Laços Representacionais dos Protestos Recentes no Rio de Janeiro¹

Flaviano Silva QUARESMA²

Escola de Comunicação e Design Digital, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Como parte de um processo de compreensão da construção de significados históricos das experiências que tornaram possíveis a *Representação Social* e suas crises no âmbito dos Movimentos Sociais, este artigo encara as *emoções humanas* no Fotójornalismo Contemporâneo no contexto dos Movimentos Sociais no Brasil, foco privilegiado de estudo, baseado nas perspectivas teóricas da *História do Tempo Presente*. Nossa problemática relaciona a produção midiática de fotografias jornalísticas, a representação de movimentos sociais na imprensa, o corpo a partir das emoções humanas como valor de representação social e a revisão de significados históricos.

Palavras-chave: afetos; representações líquidas; fotójornalismo; história do tempo presente; comunicação.

Introdução

Como parte de um processo de compreensão da construção de significados históricos das experiências que tornaram possíveis a *Representação Social* e suas crises no âmbito dos Movimentos Sociais, este artigo encara as *emoções humanas* no Fotójornalismo Contemporâneo no contexto dos Movimentos Sociais no Brasil, foco privilegiado de estudo, baseado nas perspectivas teóricas da *História do Tempo Presente*.

Para compreender a construção de significados históricos das experiências representacionais a partir das manifestações recentes no Rio de Janeiro registradas pelo fotójornalismo brasileiro via *Jornal do Brasil* e *O Globo* online, vamos analisar imagens veiculadas face à problemática apresentada: como os “afetos” registrados nas fotografias dos protestos no Rio de Janeiro significam o passado estrutural dos laços representacionais dos movimentos sociais no Brasil?

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela UFRPE e professor dos cursos de Fotografia, Design e Publicidade e Propaganda da ECDD-INFNET, email: flavianoq@gmail.com.

Siqueira & Siqueira (2006) no artigo *Corpos autorizados: comunicação, poder e turismo*, analisam o ato do Estado em sua relação com a mídia e o corpo. Mesmo que o objeto de estudo seja o controle do Estado sobre a mídia cartão-postal, os fundamentos teóricos recorrendo à abordagem de Foucault acerca dos corpos dóceis e a de antropólogos como Howard Becker sobre o corpo no universo da cultura, também nos apresentam aproximações possíveis para refletir, inicialmente, sobre *os afetos* na representação das manifestações populares recentes no fotojornalismo do *Jornal do Brasil* e *O Globo* online.

Da mesma forma que a análise de Siqueira & Siqueira (2006) toma como referência a cultura para estudar a forma como o Estado proíbe postais com imagens *apelativas* de mulheres; também nos referimos à ela ao propor uma análise do tempo presente no que tange às manifestações ocorridas desde junho de 2013 no Rio de Janeiro, a um possível fortalecimento dos movimentos sociais e da possibilidade de religamento das representações e da realidade para esse fortalecimento, por meio do *habitus*, com a exploração das emoções humanas em fotografias na imprensa. Segundo Geertz (1978), a cultura, nesse sentido, não são cultos e costumes, mas estruturas de significado através das quais os homens dão forma à sua experiência, e a política uma das principais arenas na qual tais estruturas se desenrolam publicamente.

Faz-se necessária a clareza sobre a relação intrínseca entre corpo e emoções, e ainda a concepção de que as *manifestações populares*, de um modo geral e as mais recentes, também são arenas nas quais os homens, as mulheres e crianças dão uma forma à sua experiência publicamente. As *emoções* são marcas inscritas no corpo, e como marcas, explicam Siqueira & Siqueira (2006, p. 88), “são história, memória de experiências e, sendo visíveis, tornam-se identificáveis, comunicativas, reconhecíveis, informativas”, principalmente quando registradas e difundidas fotograficamente pela imprensa.

Sabe-se que a Imagem, além das inúmeras relações que desenvolvemos com ela dentro de um longo processo histórico, carrega a magnitude de fonte de *afetos*. O afeto que é “o componente emocional de uma experiência, ligada ou não a uma representação. Suas representações podem ser múltiplas: amor, ódio, cólera, etc.” (DHOTE *apud* AUMONT, 2011, p. 122). Mas também sabemos que se a imagem é feita para ser olhada, para satisfazer pelo menos parcialmente a pulsão escópica, deve proporcionar um prazer de tipo particular.

Arnheim (*apud* AUMONT, 1993) já defendia em sua tese, a importância do papel do espectador como “centro absoluto” e a sua relação com os diferentes “centros” numa

imagem. Sob a noção genérica de “centramento”, como o que se chama tradicionalmente de *composição fotográfica*, e também como a relação entre essa composição, no nível plástico, e a organização da imagem representativa “em profundidade”, a teoria de Arnheim pensa a imagem como campo de forças e sua visão como processo ativo de criação de relações, frequentemente instáveis e imutáveis. Aumont (1993) afirma que mais do que uma teoria do centramento, Arnheim desenvolveu a respeito das imagens uma verdadeira estética do descentramento permanente; “a imagem só é interessante e funciona bem se alguma coisa nela estiver descentrada (e puder, portanto, ser imaginariamente confrontada com o centro absoluto, mas inquieto que somos nós, espectadores)” (AUMONT, 1993, p. 155).

Não apenas intuitivamente, mas baseados em densas teorias de seleção de imagens, pesquisadores americanos como Joe Elbert (*apud* KOBRE, 2011) considera que a batalha pelo bom fotojornalismo só estará ganha depois que o diálogo entre tomadores de decisão concentrar-se em qual imagem é mais emotiva ou íntima para melhor uso na imprensa. E todas elas, dentro de um processo histórico de construção de convenções fotográficas, se basearam em teorias como as de Arnheim. Elbert (*apud* KOBRE, 2011) encorajava, durante sua gestão por quase 20 anos como editor-assistente de fotografia do *Washington Post* (1988 a 2007), os fotógrafos a tirar e, em última instância, selecionar fotos emocionalmente atraentes sempre que possível. Para ele, esse tipo de foto faz o leitor sentir algo sobre o tema, não apenas intelectualiza a matéria jornalística, mas também adicionam dimensão em vez de repetir o que já está escrito. “Os editores devem ser sensíveis às suas respostas internas às imagens e, no final, estar dispostos a seguir seus instintos” (ELBERT *apud* KOBRE, 2011, p. 132).

Eventos recentes na história dos movimentos sociais no Brasil, as manifestações deflagradas a partir de junho de 2013, em várias cidades brasileiras, nos pressionam a revisar a significação que elas dão ao passado. Essa é a questão principal do interesse nesse espaço-temporal, baseada na perspectiva da *História do Tempo Presente*. De acordo com Ferreira (2000), a despeito desse crescente e permanente interesse no presente, e da afirmação desse novo campo de trabalho, a história do tempo presente encontrou dificuldades para se legitimar por não ter uma definição mais precisa de seu objeto, de suas metodologias e dos limites de sua investigação.

Para alguns trata-se do período que remonta à última grande ruptura; para outros trata-se da época em que vivemos e de que temos lembranças, ou da época cujas testemunhas são vivas e podem supervisionar o historiador

e colocá-lo em cheque (Voldman, 1993). Ou ainda, como afirma Hobsbawm, o tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações, isto é, a olhar, em função do resultado de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significação (*apud* BERNSTEIN, 1993) (Ferreira, 2000).

Chartier (1993) afirma que na história do tempo presente, o pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Nesse sentido, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história. Por outro lado, o estudo da presença do passado incorporada ao presente das sociedades, iniciado pelos historiadores do tempo presente, abre novas temáticas e abordagens para pesquisadores de outros períodos da história.

Mas que cronologia, que evento-chave e reconhecido foi adotado como marco inicial da *história do tempo presente* para essa proposta de estudo? Que recorte de espaço-temporal foi definido? Optamos por eleger quatro das manifestações (e seus afetos) ocorridas no Rio de Janeiro. Duas que mais levaram pessoas às ruas: 100 mil, em 17 de junho de 2013; e 300 mil, em 20 de junho de 2013. E as demais depois de 4 meses: 15 de outubro e 5 de novembro de 2013, nas quais o Movimento dos *Black Blocs* marca presença determinada.

Nossa problemática, que relaciona a produção midiática de fotografias jornalísticas, a representação de movimentos sociais na imprensa, o corpo a partir das emoções humanas como valor de representação social e a revisão de significados históricos, apresenta dois questionamentos sobre as circunstâncias dessas relações e suas implicações: a) que significados históricos as imagens dos protestos validam ou revalidam o passado para o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil e b) como o fotojornalismo contemporâneo pode religar as representações e a realidade, diante da crise atual, por meio do *habitus*³, com a exploração das emoções humanas, fortalecendo os afetos dos

³ O conceito de *habitus* mostra como as aprendizagens sociais (formais e informais) inculcam modos de percepção e de comportamento aos agentes sociais. O *habitus* é o conjunto das disposições adquiridas no contexto e momento social particular. Por outro lado, o *habitus* é produtor de práticas novas: é uma matriz, uma gramática geradora, espaço a partir do qual se torna possível uma exteriorização da interiorização, de modos diferentes ou novos. O *habitus* é um conceito fundamental para entender a ideia de representações sociais em Bourdieu porque articula os dois elementos da oposição

movimentos sociais? Os protestos não aconteceram, apenas, no Rio de Janeiro, mas em todo o Brasil, numa “onda” generalizada de eventos que levou mais de 1 milhão de pessoas às ruas das capitais e grandes cidades brasileiras.

Mauad (1996) já enfatizava que a história proclamou sua independência dos textos escritos. Segundo a autora, a necessidade dos historiadores em problematizar temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional levou-os a ampliar seu universo de fontes, bem como a desenvolver abordagens pouco convencionais, à medida que se aproximava das demais ciências sociais em busca de uma história total. Mauad explica que novos temas passaram a fazer parte do elenco de objetos do historiador, como a vida privada, o cotidiano e as relações interpessoais. Nesse sentido, uma micro-história que, para ser narrada, não necessitava perder a dimensão macro, a dimensão social, totalizadora das relações sociais. Uma história social da família, da criança, do casamento ou da morte passou a ser contada, demandando, para tanto, muito mais informações que os inventários, testamentos, curatela de menores, enfim, tudo o que uma documentação cartorial poderia oferecer. “A tradição oral, os diários íntimos, a iconografia e a literatura apresentaram-se como fontes históricas da excelência das anteriores, mas que demandavam do historiador uma habilidade de interpretação com a qual não estava aparelhado. Tornava-se imprescindível que as antigas fronteiras e os limites tradicionais fossem superados. Exigiu-se do historiador que ele fosse também antropólogo, sociólogo, semiólogo e um excelente detetive, para aprender a relativizar, desvendar redes sociais, compreender linguagens, decodificar sistemas de signos e decifrar vestígios, sem perder, jamais, a visão do conjunto” (MAUAD, 1996, p. 6).

Na primeira parte de *Ideologias e mentalidades*, Michel Vovelle (*apud* MAUAD, 1996) discute a relação entre iconografia e história das mentalidades, destacando a sua utilização por parte dos historiadores da Idade Média que - ao analisarem ex-votos, altares, estátuas etc.- buscaram traçar tanto uma geografia do sagrado como o perfil das sensibilidades coletivas no passado. Os problemas levantados por Vovelle, segundo Mauad (1996), convergem para uma única questão se efetivamente, pode-se elaborar uma verdadeira semiologia da imagem? À esta pergunta, as respostas não são unívocas nem consensuais, e englobam propostas das mais diversas, que incluem o estudo do mito, o trabalho linguístico, uma abordagem filosófica, a avaliação estética, a discussão sobre o tipo de mensagem que as iconografias transmitem, segundo a abordagem da comunicação, métodos quantitativos.

dentro da qual a ideia de representações aparece no pensamento filosófico e sociológico: as ideias e as práticas sociais. (BOURDIEU, 1990).

Como ressalta Mauad (1996), neste âmbito, como no anterior, a diversidade converge para a questão da grade interpretativa. “Que unidades comporiam a grade de interpretação das imagens do passado? Mais uma vez, tal como no jogo infantil de encaixe, ao tirarmos uma caixa encontramos outra”. Para a autora, cabe, portanto, as perguntas: como interpretar as imagens produzidas no passado? qual a natureza da produção imagética? esta produção é invariável ou possui condicionantes históricos? será a imagem das pinturas, dos desenhos, da estatuária sagrada, dos vitrais das capelas medievais, da mesma natureza que as imagens técnicas, a exemplo das do cinema e da fotografia? Segundo Mauad, questões e mais questões que complicam e enriquecem o trabalho do historiador dedicado à análise de fontes não-verbais. “Desta forma, como bem aponta Michel Vovelle, ‘as interrogações que hoje se colocam são antes uma prova de saúde do que de enfermidade’” (MAUAD, 1996, p. 6).

O nosso problema de pesquisa, “como os ‘afetos’ registrados nas fotografias dos protestos no Rio de Janeiro significam o passado estrutural dos laços representacionais dos movimentos sociais no Brasil?”, considera os resultados de um percurso de estudos científicos de dez anos iniciado na Graduação entre os anos de 1999 e 2003, que mesmo não focando seus esforços no estudo das *Representações Sociais* e suas crises, bem como na validação de significados históricos para os movimentos sociais, apresentaram contribuições significativas para que pudéssemos desenvolver propostas de investigações recentes sobre o tema, inclusive essa.

Esses estudos começaram desde o surgimento, no Brasil, do programa *Casa dos Artistas* (SBT), no final de 2001. Os formatos televisivos conhecidos como *reality shows* se tornaram fontes de investimento por parte dos produtores de TVs brasileiras, mas também fez priorizar muita reflexão e investigação de muitos pesquisadores da Sociologia e da Comunicação, a respeito de quais seriam os caminhos da TV em especial, e da mídia de maneira geral. Autores como Jost (2004) acreditava que estavam se projetando dois cenários no horizonte referente ao tema televisão: um retorno à estaca zero face a essa deriva de fatias genéricas de real em direção à ficção, e a outra, uma recuperação lúdica, logo ficcionada da *mise em scène* de gente ordinária com o objetivo de manipular as emoções dos telespectadores. Para ele, a televisão procedia muito menos por grandes rupturas do que pelo ajustamento progressivo dos formatos.

Já Fausto Neto (2001) afirmava que a cultura das mídias, por várias razões, se encontrava no seio das ações societárias, interferindo nas demais agendas de outras

instituições. E ressaltou que várias de suas regras e modos de organizar a leitura do mundo, atravessavam as estruturas internas de outros campos, “permeando suas estratégias de visibilidade e de anunciabilidade de suas ações e, assim, redefinindo os seus modos de lidar com o tecido social, naquilo que diz respeito às suas relações com a sociedade, de modo geral” (2001, p.13).

E como consequência, podia-se dizer que a questão relativa à construção dos vínculos sociais, na sociedade, passava necessariamente pela ação comunicativa dos meios de comunicação. “O mundo da vida e das instituições tem nas mídias, formas e dispositivos estratégicos através dos quais nossas ações e nossa cotidianidade vão se tecendo e também se estruturando” (FAUSTO NETO, 2001, p.14). Para o autor, os diferentes processos de sociabilidade, na sua acepção mais ampla possível, não se fazem mais num fluxo processual, fundamentado em procedimentos representacionais simples, dispostos numa hierarquia centrada numa temporalidade controlada pelas burocracias e pela ação dos atores sociais. Por esse motivo, para Fausto Neto (2001), essas mudanças indicam uma grande crise, da família à política, na qual a vida dos homens se realiza numa outra cultura, para o que os velhos padrões representacionais já não servem mais.

Essas questões levantadas por Jost (2004) e Fausto Neto (2001) foram o pontapé inicial para perceber que era preciso investigar os *reality shows* e suas nuances. Porque como bem observa Sousa (2002), “alguma imprensa, com destaque para os *supermarket tabloids*, transportou dos *reality shows* da TV para os jornais e revistas a reconstrução ficcional dos acontecimentos, recorrendo à fotografia”, um dos fatores ligados à chamada Terceira “Revolução” no Fotojornalismo.

A princípio, não parecia claro, mas havia um fio condutor nesse percurso analítico que começou em 2003 com o estudo do panóptico face ao *Big Brother Brasil*, e que não foi investigado nesse período de dez anos. A questão da Crise Representacional estava o tempo todo mostrando seus vestígios. Seja na própria postura da TV numa busca desesperada por novas abordagens a fim de construir vínculos representacionais com a sociedade por meio dos *reality shows* e sua abertura para cotidianidade, seja na descrição de cenários de dismantelamentos do controle social, de dilaceramentos dos laços comunitários, de construção de identidades mais flexíveis diante da desordem e da insegurança social na contemporaneidade.

A Crise da Representação Social provém, como sugere Bauman (1998), de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena

demais. Homens e mulheres buscam por prazeres suaves e prolongados por meio de novas e ainda não apreciadas experiências. São de bom grado seduzidos pelas propostas de aventura e, de um modo geral, a qualquer fixação de compromisso. Preferem ter opções abertas. Como ressalta o autor, homens e mulheres pós-modernos são ajudados e favorecidos por um mercado inteiramente organizado em torno da procura do consumidor e vigorosamente interessado em manter essa procura permanentemente insatisfeita, prevenindo, assim, a “ossificação de quaisquer hábitos adquiridos, e excitando o apetite dos consumidores para sensações cada vez mais intensas e sempre novas experiências” (BAUMAN, 1998, p.23).

Castells (2013) em *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, afirma que o papel da internet e da comunicação sem fios nos atuais movimentos sociais em rede é fundamental. Para o autor, pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo. “É por meio dessas redes de comunicação digital que os movimentos vivem e atuam, certamente interagindo com a comunicação face a face e com a ocupação do espaço urbano” (CASTELLS, 2013, p. 166-167).

Perceber tal fio condutor nos estudos realizados, nos fez pensar em demandas importantes para avançarmos em novas propostas de investigação em interface com a Comunicação e a História. Isso justifica, em parte, a ideia de partir para o campo do Fotojornalismo, principalmente porque partimos da ideia de que as fotografias são documentos, com a característica de contribuir para o registro histórico, para, assim, analisar especificamente o que tange a produção jornalística. Por outro lado, o Fotojornalismo é a minha área principal de atuação na atualidade, como docente no curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no qual a questão da *Representação Social* por meio da imagem jornalística é tema constante de discussão.

Referente à Representação Social, foi preciso conhecer mais sobre o que se tem realizado teoricamente pela Sociologia para compreender esse processo de crise. Se de um lado, autores contemporâneos como Bourdieu (1990) afirma que representações e realidade precisam ser religadas por meio do *habitus*; porque ainda vivemos num mundo de símbolos e que eles são os instrumentos de conhecimento e de comunicação por excelência da “integração social”, por isso tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social; de outro, Baudrillard (1996) defende que essa religação jamais será possível. Isso porque, para ele,

em certas áreas do mundo social, a relação estrutural do *código*⁴ superou a relação *simbólica*. O sentido não é mais dado pelo real, mas pela sua operacionalidade segundo o código geral dos signos, que opera no nível inconsciente. Os sujeitos sociais não percebem esse desligamento, e justamente nessa inconsciência é que repousa a eficácia do *código*. O homem está definitivamente separado da natureza num processo irreversível.

Ainda assim, apesar de dicotomias tão claras: uma que considera a crise da representação e que acredita numa mudança a partir da superação de fundamentos filosóficos do conhecimento de um período passado do desenvolvimento social (BOURDIEU, 1998); e outra que observa o surgimento dos *Simulacros*⁵, que operam num processo de manipulação, assimilação, ciclagem e reciclagem em todos níveis e que impõem a relação de representação para o seu fim (BAUDRILLARD, 1996); observar o fio condutor da Crise da Representação em nossa trajetória de estudos, também nos guiou para considerar pertinentes questões relacionadas à representação social: sua crise, seu possível fim, sobre reapropriações representacionais e movimentos “líquidos” de representação.

A tentativa de conceituação da ideia de *Representações Líquidas*⁶, num esforço teórico exploratório, pareceu coerente à medida que os meios de comunicação projetaram a abertura de suas estruturas tradicionais para a experimentação de formatos flexíveis de atuação levando em consideração, prioritariamente, a cotidianidade, a presença comum do sujeito e de suas emoções na mídia. Essa conceituação também teve por objetivo dar conta desse cenário que descarta, em alguns níveis, a representação que valoriza o sujeito e sua individualidade, e que por vezes não mostra indícios de uma reapropriação representacional. Se o código superou a relação simbólica, por que as oscilações entre religamento e desligamento são atualmente mais constantes e conscientes? Se a reapropriação exige uma “luta simbólica”, por que indivíduos negam o conflito e tecem novas estratégias de construção de sentidos sobre o mundo social? A grande revolução da

⁴ O *código* como sistema social (BAUDRILLARD, 1996) se reproduz sozinho. Ele não precisa se apoiar no uso dos objetos, na sua relação com os homens. O homem torna-se um elemento dispensável na designação do sentido para os signos. Este poder do código é chamado por Baudrillard de “tautologia” e corresponde à imposição de significação totalmente aleatória ao indivíduo, às regras da lógica racional ou a qualquer reação do pensamento humano. É uma comunicação em que o sistema dialoga consigo mesmo e a humanidade assiste.

⁵ Os *simulacros* são unidades sociais (de troca econômica ou de sentido) que perdem o referencial, seja na natureza, seja no próprio homem, e passam ao sistema operacional dos signos característicos da sociedade de consumo. O sentido não é dado mais pelo real, mas pela sua operacionalidade segundo o código geral dos signos. (BAUDRILLARD, 1996)

⁶ A tentativa de conceituação de *Representações Líquidas* está registrada na monografia de conclusão do curso de especialização em *Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde*, da Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz-RJ), desenvolvida por Flaviano Quaresma (2012), que investigou as aproximações entre as oscilações representacionais e as representações fotográficas do meio ambiente construídas pelo fotógrafo Sebastião Salgado em seu trabalho que deu origem ao livro *Gênesis*. Nesta conceituação, a *Representação Líquidas* provoca uma ruptura das diferenças entre os objetos representados e a representação em si, uma ruptura do contexto do compromisso representacional entre sujeito e realidade e ainda indica uma flexibilização e uma multiplicidade de engajamentos individuais e coletivos para demandas sociais organizadas.

relação homem-mundo na era das altas tecnologias, como explica Filho (1998, p.15), “é que nossas fantasias, os mundos que povoaram nossa criatividade imaginativa, tudo aquilo que era nosso e particular agora é a) coletivo, b) real e c) interativo”. O que consideramos intermediários importantes no esforço em compreender essas demandas.

Propor uma análise dos afetos no fotojornalismo do *Jornal do Brasil Online* e *O Globo Online* a partir do registro das manifestações recentes no Rio de Janeiro, também nos exige compreender o período do “grande desengajamento” de que fala Bauman (2003) ou mesmo seus aspectos oscilantes intimamente ligados às construções identitárias da contemporaneidade. “Os tempos de grande velocidade e aceleração, do encolhimento dos termos do compromisso, da ‘flexibilização’, da ‘redução’, da procura de ‘fontes alternativas’. Os termos da união ‘até segunda ordem’, enquanto (e só enquanto) ‘durar a satisfação’” (BAUMAN, 2003, p. 41-42). O mesmo cenário que inaugurou a crise representacional no qual vivemos hoje.

Abordagens midiáticas de massa, amparadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação, tem necessitado apoiar-se no processo atual do encolhimento dos termos do compromisso social. Para isso, os diferentes processos de sociabilidade, na sua acepção mais ampla possível, buscam um fluxo processual fundamentado em procedimentos que podem descartar abordagens representacionais em vários níveis. Agora a vida dos homens e mulheres se realiza numa cultura “líquida”, numa relação de oscilação constante, descartando, inclusive, uma “luta simbólica” para uma reapropriação e transformando a ideia de que nesse processo de conflito haveria de existir representações dominantes face a imposição de percepções vitoriosas sobre a sociedade. Nesse sentido, nos aproximamos do conceito de hegemonia de Gramsci (apud MARTIN-BARBERO, 2006), que possibilita pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas um processo no qual não há hegemonia, e sim que ela se faz e desfaz. “Se refaz permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade” (MARTIN-BARBERO, 2006, P. 112).

Como ressalta Castells (2013), no Brasil, nas manifestações de junho, de forma confusa, raivosa e otimista, foi surgindo essa “consciência” de milhares de pessoas que eram ao mesmo tempo indivíduos e um coletivo, pois estavam – e estão – sempre conectadas, conectadas em rede e enredadas na rua, mão a mão, tuítes a tuítes, post a post, imagem a imagem. “Um mundo de virtualidade real e realidade multimodal, um mundo

novo que já não é novo, mas que as gerações mais jovens veem como seu” (CASTELLS, 2013, p.179-180).

Considerações Teórico-Metodológicas e Fontes

Antes de explicar a proposta de metodologia, é necessário refletir sobre as possibilidades de análise de fotos, de acordo com o ponto de vista de alguns principais autores que tratam dessa questão. Tanto por seu caráter polissêmico quanto pelo fato de a leitura ser um processo de interação entre o *autor*, a *mensagem* e o *leitor* inseridos em intertextualidades e contextos, é complexo o processo de análise de imagens fotográficas.

Segundo Barthes (1990) o estudo da foto jornalística deve ser orientado como um objeto com autonomia estrutural. Mesmo relacionada com o texto que acompanha, ela pode ser analisada separadamente, considerando o conteúdo analógico (literal, denotado) e a mensagem suplementar (simbólica, conotada). O autor ressalta que o código do sistema conotado é constituído por uma “reserva de estereótipos (esquemas, cores, grafismos, gestos, expressões, agrupamentos de elementos)” (BARTHES, 1990, p. 13). Do ponto de vista da produção, a foto é trabalhada, escolhida, composta, construída conforme normas profissionais, estéticas e ideológicas; já no âmbito da recepção, ela é lida vinculada a uma reserva tradicional de signos. A leitura é cognitiva, pois depende da cultura, do conhecimento de mundo, do “saber” do leitor naquele dado momento, em articulação com o “fazer-ver” do autor. Nesse sentido, “as possibilidades de leitura de uma mesma lexia (uma imagem) são variáveis segundo os indivíduos” (BARTHES, 1990, p. 38), mas essa diversidade não significa que seja anárquica, pois dependerá também do saber investido na imagem (saber prático, cultural, estético etc.).

Durrer (2004) contribui afirmando que as fotos não são claras por si mesmas e, seguindo a linha de Barthes, pontua que ler fotografias é pessoal, depende de cada cultura, interesses, preferências. Nesse aspecto, ele cita os conceitos de *studium* e *punctum*, desenvolvidos por Barthes (1984) em “A câmara clara”, destacando o fato de o primeiro relacionar-se a um interesse mais geral pela foto e o segundo, ao lado emocional, à relação pessoal com a imagem, quando ela nos toca profundamente.

Também nessa perspectiva, Kossoy (2007) propõe pensar a fotografia em suas múltiplas facetas, como objeto de abordagens multidisciplinares. Para o autor, não se deve ficar preso a conceitos em torno do tradicional signo escrito. A metodologia do autor busca “decifrar” a foto pela *análise iconográfica* e pela *interpretação iconológica*. A primeira

busca identificar os elementos constitutivos da fotografia (fotógrafo, assunto, tecnologia) e as coordenadas da situação (espaço e tempo). A segunda pretende perscrutar o que não está explícito no conteúdo, que se encontra na esfera das ideias, e que implica uma compreensão interior. Estuda-se tanto a codificação formal (recursos técnicos e plásticos) quanto a cultural (o tema representado e seu contexto). Em suas reflexões, Kossoy pontua que a aparência corresponde à face visível das coisas e dos fenômenos. A substância, oculta por natureza, não se capta pela pretensa objetividade da câmara. Diz respeito à alma, é de ordem histórica, psicológica, ideológica, moral. A fotografia não é uma tomografia da mente e do espírito, apenas um registro expressivo da aparência (KOSSOY, 2007, p. 155-156).

Os planos da expressão e do conteúdo como categorias de análise também são destacados por Joly (2005), que propõe verificar como eles interagem para produzir uma mensagem mais ampla. A autora ressalta que “não existe, bem entendido, método absoluto e cada um adaptará as suas escolhas metodológicas aos objetivos da análise” (JOLY, 2005, p. 176).

Barthes, Durrer, Kossoy e Joly focam na necessidade de direcionar a análise para esses dois aspectos da fotografia. O que acontece também com Vilches (1997a), que estabelece a *expressão* e o *conteúdo* os dois campos norteadores de análise. Em Vilches (1997a), a *expressão fotográfica* compreende o que o autor denomina *sintaxe do texto visual*, isto é, os seus componentes visuais: o valor cromático (contraste, cor, nitidez, luminosidade) e o espacial (planos, formato, profundidade, horizontalidade e verticalidade). A partir desses critérios, o autor apresenta um modelo de gráfico para leitura das tendências estilísticas ou retóricas de uma série de fotos informativas.

Para essa proposta de investigação, nosso pressuposto é que os afetos nas manifestações recentes registrados pelo fotojornalismo contemporâneo via *Jornal do Brasil* e *O Globo* online, indicam uma grande transformação representacional da sociedade. Mesmo havendo a tentativa de religamento entre representação e realidade por meio das emoções como valores representacionais válidos, os afetos não se configuram suficientes para reverter a crise da representação social atual. Os afetos nos movimentos sociais são tão flexíveis quanto a própria identidade individual e coletiva envolvida no processo de luta por voz política intimamente ligado ao sentido amplo da participação e da cidadania.

A matriz teórica metodológica para o estudo dos afetos nas imagens veiculadas na internet pelo *Jornal do Brasil* e *O Globo* das manifestações no Rio de Janeiro, é a do

conceito de *estrutura textual*, especialmente nos níveis de *expressão* e *conteúdo*, desenvolvidos por Vilches (1997a). As categorias apresentadas pelo autor passarão por um processo de adequação face aos nossos objetivos, numa abordagem quantitativa e qualitativa. Esta resultará, portanto, da construção teórica do pesquisador que se materializa na construção das variáveis e dos critérios analisados, como refere Ferin (2007). As variáveis definidas para o **campo da expressão** são: *Cor* (cor, preto e branco), *Planos* (geral, conjunto, médio, close-up); *Verticalidade* (ângulos altos, baixos, normais), *Perspectividade* (profundo, plano); *Proximidade* (próximo, médio, distante).

Para a *análise de conteúdo*, contemplaremos *Personagem* (quem); *Ação* (o que); *Local* (onde); *Tempo* (quando); Tema; Origem da foto (se é imagem de profissional independente, de amadores, de agência ou dos próprios veículos (*Jornal do Brasil* e *O Globo* online). Na categoria *Personagem*, desdobraremos em *Quem é retratado* (Pessoa, Animal, Objeto, Multidão); Gênero; Idade (adulto ou criança); Ponto de vista (se olham ou são olhados); e Tipos (político, militar, civil, religioso). O quadro de características será preenchido considerando o que há de predominante na imagem analisada.

Para essa mesma análise, as perspectivas teóricas de Bourdieu (1998) e Baudrillard (1996) sobre Representação Social serão contempladas na análise dos dados, bem como as perspectivas trabalhadas por Bauman (2003). Na via paralela, a noção de “Afeto” será a que remonta pelo menos a Kant (apud AUMONT, 1993, p. 122), a “do sentimento de um prazer ou de um desprazer (...) que não deixa o sujeito chegar à reflexão”.

Para contemplar o objetivo específico que vai “analisar a relação de afetos entre o movimento social em questão, as imagens fotojornalísticas do *Jornal do Brasil* e *O Globo* online e o leitor”, incluiremos a *memória oral* das pessoas como segunda fonte de dados para o estudo. Entrevistaremos pessoas (que participaram ou não das manifestações) nos locais onde ocorreram os atos públicos. Além de dar conta do objetivo específico, a ideia é também buscar compreender como o fotojornalismo do *Jornal do Brasil* e *O Globo* na internet também serviu de fonte de informação sobre as manifestações, mas também ao mesmo tempo compreender qual foi a importância e influência das publicações para as pessoas que serão entrevistadas.

É importante ressaltar que o instrumento de coleta de dados a partir da história oral se deve ao fato de que “o fotojornalismo também é um elemento que registra e eterniza a vida, na plena construção da memória, pois retrata os grandes acontecimentos do cotidiano das pessoas, as alegrias e as tristezas, os momentos importantes da história de diferentes

sociedades” (BONI & ALVES, 2011, p.162). Nesse sentido, também nos aproximamos metodologicamente das questões teórico-metodológicas com as quais dialoga a perspectiva da *História do Tempo Presente*, que explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que elimina a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente, reconhecendo que o passado é construído segundo as necessidades do presente e chamando a atenção para os usos políticos do passado (FERREIRA, 2000).

O número significativo de imagens e de entrevistas ainda está sendo definido. Atualmente, estamos na fase da pesquisa bibliográfica e outras coletas de dados.

Referências

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.

BARTHES, Roland. (1990). **A escritura do visível**. In _____ *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, Jean. **Banalidade mortífera**. In: *Folha de São Paulo. Caderno Mais!* São Paulo, ed. 10/06/2001, p. 12 e 13.

_____. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Loyola, 1996.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BONI, Paulo César. ALVES, Fabiana Aline. **Os “caras-pintadas”**: o fotojornalismo como elemento construtor da memória. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 10, n. 19, jan./jun. 2011. Online. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/657/859>> Acesso em: 25 de maio de 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARTIER, Roger. Le regard d'un historien moderniste. In: *INSTITUT d'Histoire*

- du Temps Présent. Ecrire l'histoire du temps présent.* Paris, CNRS Editions, 1993.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Desmontagens de sentidos:** leituras de discursos midiáticas. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2001.
- FERIN, Isabel. O SPSS e os estudos sobre os media e o jornalismo. In *Lago, Cláudia & Benetti, Márcia. Metodologia de Pesquisa em Jornalismo.* Petrópolis: Vozes, 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente:** desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.
- FILHO, Ciro Marcondes. **Cenários do novo mundo.** São Paulo: Edições NTC, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GEERTZ, Clifford. **A política do significado.** In: *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- JOLY, Martine. **A imagem e os signos.** Lisboa: Edições 70, 2005.
- JOST, François. **Seis lições sobre televisão.** Porto Alegre: Sulina, 2004.
- KOBRÉ, Kenneth. **Fotjornalismo:** uma abordagem profissional. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia.** O efêmero e o perpétuo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: fotografia e história interfaces.** In *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996.
- QUARESMA, Flaviano S. **Extensão Rural, Agroecologia e Identidades Híbridas:** a hibridização cultural nos jovens da agricultura familiar em Lagoa de Itaenga – Pernambuco. In: *Contexto & Educação / Universidade Ijuí/Aelac.*, Ijuí: Ed. Unijuí, v.80, jul./dez. 2008.
- SIQUEIRA, Euler David de; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira de. **Corpos autorizados:** comunicação, poder e turismo. In: *Conexão – Comunicação e Cultura.* UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- VILCHES, Lorenzo. **Teoria de la imagen periodística.** 3ª Ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997a.
- VOLDMAN, Danièle. La place des mots, le poids des témoins. In: *INSTITUT d'Histoire du Temps Présent. Ecrire l'histoire du temps présent.* Paris, CNRS, Editions, 1993.